
ÁLVARO SIZA VIEIRA
Arquitecto

POST-MODERNISMO E ARQUITECTURA

175

Pergunta: Considera-se arquitecto post-modernista?

Resposta: Não importa que me chamem post-modernista, se
isso concorrer para que se fale de arquitectura.

(Aldo Rossi, debate em Bogotá, 1981)

1. A casa da minha Avó fica num sítio especial de Matosinhos. Aí pelos anos 40 encontrava-se na fronteira entre as fábricas de conservas (hoje abandonadas) e as residências de princípio do século. Em frente havia a Farmácia Moderna, realmente moderna, no mesmo estilo das casas dos «Mestres de Traineira» subitamente enriquecidos, que compravam carros de luxo e bidés onde demolhava o bacalhau; casas geométricas, depuradas, de reboco e madeira esmaltada e alguma pedra, quartos de banho com mármore e algum metal de gosto Deco. Na casa por cima da Farmácia respirava-se saúde e bons princípios; o proprietário era escuteiro e partia ao domingo, não se sabe para onde, armado de calças curtas e de instrumentos fascinantes.

Com o passar dos anos, o nome da Farmácia tornou-se estranho. Mudaram os proprietários, à volta começaram a demolir prédios e a construir seis ou sete pisos.

A Farmácia continuava igual e obstinadamente Moderna; mas o reboco começava a desfazer-se.

Passei por lá há dias. A casa da Avó continua em posição estratégica: à esquerda uma hospedaria, à direita o Partido Socialista, em frente a Farmácia, com outra imagem e uma tabuleta nova onde se lê: Farmácia Moderna.

Fiquei encantado com a perseverança, mas o nome não me fez bater o coração, como outrora, em sobressalto.

2. Naqueles anos 40 o sonho de muitos arquitectos portugueses era construir em betão, teimosamente mais caro do que a pedra, usar janelas horizontais e terraços que às vezes metiam água. Longas batalhas se travaram, levantaram-se paredes para encobrir o odiado telhado, a telha de Marselha já não significava progresso. Assim acontecera na Alemanha e na França e noutros países; e assim se fez bela Arquitectura.

Mas a verdade é que hoje, e de um modo geral, já não nos preocupa isso de ser moderno. Alguns pensam que é urgente ser post-moderno.

É bom poder construir um telhado ou um terraço, usar pedra ou betão ou outros materiais, conforme convenha e apeteça, «ou borracha, mas isso não passa pela cabeça de ninguém», como dizia o meu professor de Estruturas.

É claro que este prazer é pouco compatível com grandes convicções, arriscamo-nos a construir mesmo com borracha ou cartão, tornamo-nos indecisos. O heroísmo reaparece quando nos proíbem um terraço, agora por ser modernista, purista, moralista e outras coisas horríveis que não passam pela cabeça de nenhuma tela, asfáltica ou não, queridas telas comuns, honestas e impermeáveis.

De qualquer modo, o desinteresse por ser moderno é um facto. Podemos dar a qualquer farmácia um nome menos solene, Real ou Rocha ou do Adro (não encontrei nenhuma chamada Post-Moderna, provavelmente por ser conhecida a ambiguidade da tabuleta em frente à casa da Avó).

3. A menção do termo post-moderno surgiu nos heróicos anos 30, distante dos escândalos e dos triunfos contemporâneos da arquitectura moderna (a alguma se chamava futurista). A sua aplicação à arquitectura chegou tarde e mais «débil» do que o normal. Esse atraso e outras debilidades explicam talvez a súbita ansiedade em não ficar excluído da nova classificação.

Estaremos longe da primitiva inocência que manteve o antagonismo entre Bernini e Borromini, apesar da comum condição de barrocos, mais tarde e pelos vistos evidente.

Podemos saber e já, através dos críticos ou da própria lucidez, se somos post-modernistas ou ainda não, tardo-modernistas ou cripto-post-modernistas, ou regionalistas e outras coisas.

Assim podemos encontrar cantos de tranquilidade para as incertezas, longe que estamos do optimismo e dos claros instrumentos de trabalho dos anos 50.

4. A claridade e a utilidade da arquitectura dependem do comprometimento na complexidade das transformações que

cruzam o espaço; comprometimento que, no entanto, só transforma a Arquitectura quando, pelo desenho, atinge a estabilidade e uma espécie de silêncio, o território intemporal e universal da ordem.

Complexidade e ordem conferem aos materiais e aos volumes e aos espaços luminosa vibração e permanente disponibilidade. Por isso a Arquitectura não condiciona comportamentos de forma significativa; mas não constitui uma quadro neutro.

Quanto mais se compromete com as circunstâncias da sua produção, mais delas se liberta; «voz» por ser impassível condutor de vozes, medida e não limite da procura de perfeição.

Quase sempre distante desse comprometimento e dessa autonomia, a produção actual tende a oscilar entre hermetismo e populismo, entre kitch e elegância; de uma forma ou de outra, sugere a substituição do criticado contínuo de «ismos» por um «ismo» único, tão divertidamente indiferente que pretende tudo conter, alcançando pluralismo e sobrevivência através de máscaras e de cenários, invocando simultaneamente o gratuito e a história. Elementos e signos de crise, simplificados e poucos, reciclados em ondas de rápida e efémera propagação, são exibidos como expressão de criatividade individual; como imaginativa resposta à progressiva burocratização e à morte das certezas.

Isto, e um toque de ironia denunciado até ao aniquilamento, legitimam, ou pretendem legitimar, a associação de qualquer irresponsabilidade aos meditados percursos de Rossi ou de Stirling; ou de outros menos conhecidos.

5. Estão ultrapassados os códigos do Modernismo? Ou nunca se definiram radicalmente, a não ser em sínteses episódicas, excluindo o que perturbava a suposta universalidade?

Não faz mal ao mundo que, por razões de método, se estabeleçam imaginárias linhas de fronteira. Pode ser fecundo e assim se faz sempre, para logo serem ultrapassados os limites de cada pesquisa.

Ninguém hoje pode ignorar o pluralismo do chamado Movimento Moderno, a permanente crítica no interior da febril reconstrução da cidade europeia, os gestos contraditórios, as desconcertantes, seminais, expressões de uma contínua e multifacetada pesquisa, paralela aos conformismos e aos manifestos. É assunto solidamente estudado.

Por isso, como acontece em relação ao Modernismo, começa já o recuo da História, a procura dos Pais do Post-Modernismo. ■